

POPIOL Y DIAMENT / 1958 (*Cinzas e Diamantes*)

um filme de Andrzej Wajda

Realização: Andrzej Wajda / **Assistente de Realização:** Janusz Morgenstern / **Argumento:** Jerzy Andrzejewski e Andrzej Wajda, baseado no romance homónimo do primeiro / **Fotografia:** Jerzy Wójcik / **Música:** Bogdan Bienkowski e o Quinteto Wrocław da Rádio Polaca, sob a direcção de Filip Nowak / **Décor:** Roman Mann / **Montagem:** Helina Nawrocka / **Interpretação:** Zbigniew Cybulski (Maciek Chelmicki), Eva Krzysewska (Krystina), Waclaw Zastrzeynski (Szozuka), Adam Pawlikowski (Andrzej), Bogumil Kobiela (Drewnowski), etc.

Produção: Stanislaw Alder para a "Associação de Realizadores 'Kadr'" / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado em inglês e eletronicamente em português, 103 minutos / **Estreia Mundial:** Varsóvia, Outubro de 1958 / Inédito comercialmente em Portugal / Apresentado pela primeira vez no nosso País, a 21 de Fevereiro de 1978, integrado no Ciclo "Munk – Wajda", organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, em sessão realizada no Grande Auditório daquela Fundação.

Quase cinquenta anos após a sua produção, **Cinzas e Diamantes** permanece o mais célebre filme de Wajda, o que plenamente o consagrou na Polónia e no estrangeiro. Foi também o que mais polémica suscitou, desencadeando ataques e defesas apaixonados. Entre os primeiros, não falemos já dos que o acusaram de infidelidade ao romance de Andrzejewski, escritor muito conhecido na Polónia onde é considerado um dos maiores valores da geração de romancistas consagrada no após-guerra, nem dos que lhe censuraram (como em **Kanal**) o pessimismo, encontrando no filme, de algum modo, uma apologia dos oposicionistas e uma visão amarga das forças vitoriosas e dominantes. Consideremos, sim, os que, como Marcorelles, falam de "exibicionismo", e de "expressionismo datado, falso no seu princípio como nas suas consequências", e de "nihilismo de esteta provinciano". Nas defesas, surge a acentuação dum "estilo denso, considerado eficaz" que traduz da melhor maneira as convulsões da Polónia na hora da libertação. O "expressionismo barroco" (termo que vezes sem conta se aplicou a Wajda), seria o adequado a essas convulsões e às dilacerações psicológicas e sociais de que vários personagens participam.

Nesta nota não se pretende concluir, mas ajudar apenas a situar alguns problemas colocados por este filme quer a nível do argumento, quer ao nível da realização. Até, porque, defensores e detractores estarão de acordo em que **Cinzas e Diamantes** é o primeiro filme plenamente característico do estilo de Wajda, dos seus excessos e das suas obsessões.

Ao nível do argumento, sabe-se que o que mais interessou o autor de **Cinzas** foi o personagem de Maciek, interpretado por um actor mítico do cinema polaco, Zbigniew Cybulski, cuja morte prematura (em 1967, com menos de 40 anos) o havia de transformar no que já se chamou uma espécie de James Dean polaco. Maciek está longe de ser personagem linear: antigo combatente da resistência, herói da insurreição de Varsóvia, está ligado às forças anti-comunistas e a organizações classificadas como de direita. A sua missão no filme é assassinar o dirigente

comunista Szczuka. De blusão, óculos escuros ("luto dum amor infeliz pela pátria" diz ele a Krystina), o personagem é simultaneamente fascinante e ambíguo, pois que se sabe condenado por uma evolução e não deixa, contudo, de cumprir o caminho que se assinalou. Ele será a "cinza" donde emerge o "diamante", uma sendo necessária ao outro e participando dele dessa dupla dimensão. Se não é obviamente indiferente que Wajda tenha confiado esse personagem de "traidor" a um actor tão popular como Cybulski (fazendo funcionar mecanismos de projecção-identificação), muito menos o é a atenta leitura da sequência da sua morte. Maciek morre nos detritos e no lixo, mas, antes de se deixar cair neles, atravessa a roupa branca, jogando as duas simbologias com igual poder. Se Wajda parece claro ao defini-lo como alguém que escolheu o lado errado, igualmente o é ao conceder-lhe a sua simpatia, uma espécie de inocente boa-fé (com algumas razões psicológicas e históricas de peso) que emerge plenamente na sua relação com Krystina. E, o que é mais, que obviamente contrasta com a clique de oportunistas recém-chegados ao poder, tratada com grande crueldade e sem qualquer complacência. A relação Maciek-Krystina versus outros (os do banquete, das bebedeiras, da "polonaise", dos discursos ouvidos nas retretes) mais acentua a "inocência" do protagonista, "rebelde sem causa" e sem razões, "num país em que nada é sério" ou "em que ambos os lados são bons" (como, *in vino veritas*, dizem os que o álcool ajudou a soltar demais a língua). Entre esses conjuntos, destaca-se a personagem de Szczuka, o honesto militante comunista, que não esconde também a sua repugnância em relação aos arrivistas, e é morto por Maciek. Mas o lado positivo deste herói, humano nas suas dúvidas e recusas, é contrabalançado pelo seu próprio filho, ele também militante na organização a que Maciek pertence. Há aqui uma subtil separação de gerações (Szczuka nunca mais vira o filho) em que a mais nova (porventura a mais traída) não pode mais ter acesso às firmes convicções da anterior. O assassinato de Szczuka é também "a morte do pai", morte que implica igualmente a dos filhos, partilhados entre as suas aspirações a uma luz que apenas os perpassa (como a ogiva do enquadramento da capital conversa entre Maciek e Krystina que explica o título do filme) e o lixo em que finalmente se atolam.

Há, assim, uma ambiguidade no argumento que vem na linha de outros filmes polacos dele contemporâneos e que se presta a muitas e várias interpretações, reflectindo-se em quase todas as personagens (repare-se por exemplo na importante figura de Andrzej, o "cúmplice" e chefe de Maciek).

Em que medida o estilo excessivo de Wajda atenua ou reforça a ambiguidade do "script"? Essa é a questão que mais tem dividido a crítica. Porque o pendor esteticista do autor, a sua expressiva (e expressionista) vontade de tudo sublinhar (o que o torna, pelo lado exibicionista, um parente próximo de Fellini), o seu gosto pelos enquadramentos insólitos, as grandes angulares, as iluminações fortemente contrastadas (repare-se na sequência amplamente ilustrativa da "polonaise"), o grande plano, podem ajudar a tapar "com barulho" qualquer coisa que só muito em surdina perpassa e a transforma em efeito o que como tragédia se reduz. Mas sem qualquer dúvida esses são os ingredientes básicos do estilo deste cineasta, deles inseparável, e é no insólito da sua gramática e da sua retórica que podemos encontrar as chaves para um universo, sem dúvida bem peculiar.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico